



Histórias do coração

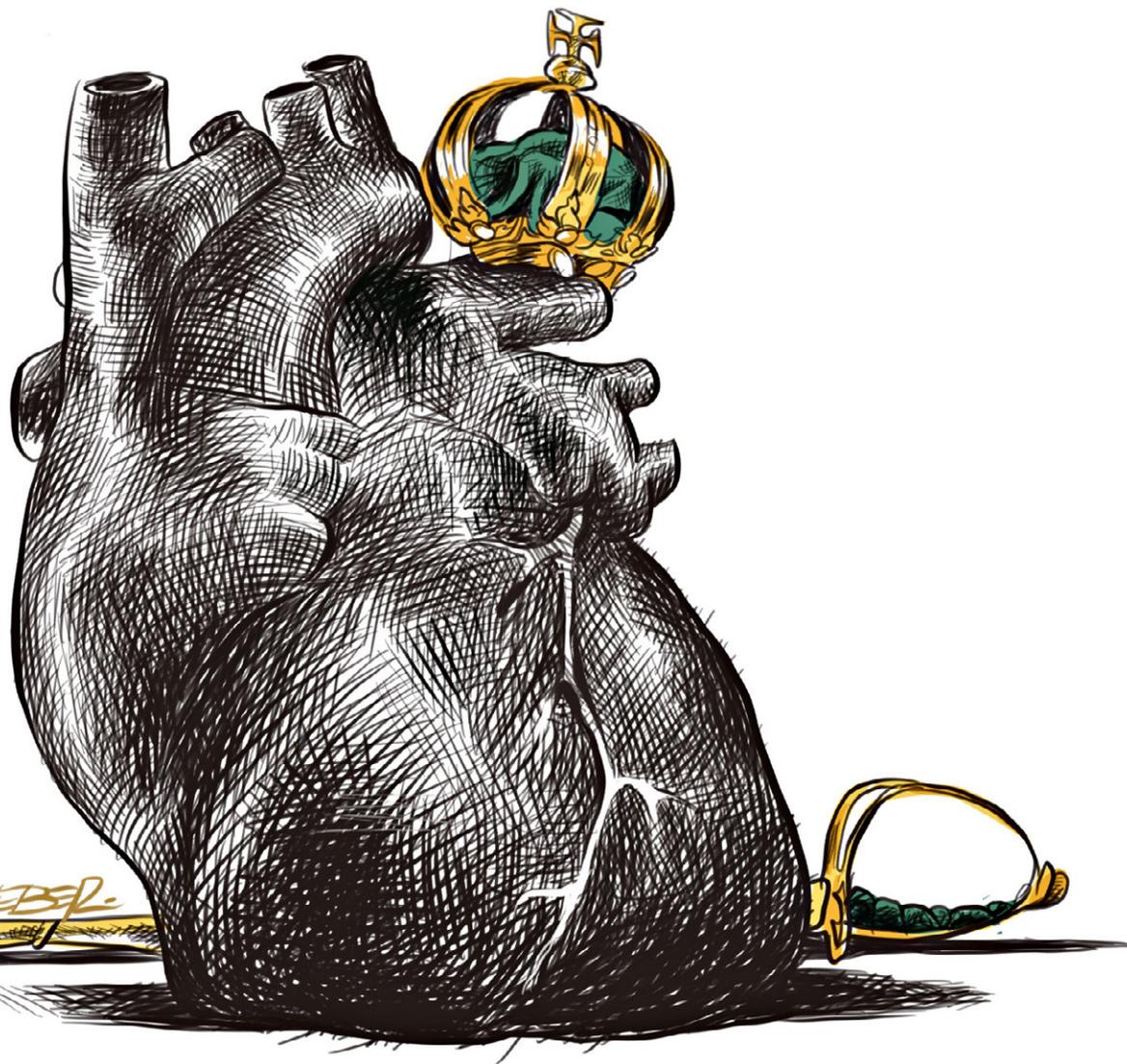
Desde tempos imemoriais o homem vem adorando objetos, elementos da natureza e até pedaços de seres vivos (depois de mortos, naturalmente). Em muitas culturas, xamãs, bruxos e feiticeiros leem a sorte e fazem adivinhações em vísceras, pedacinhos de ossos ou com gotas de sangue aspergidas — a necromancia vem desde a mais remota antiguidade.

Mas essa história de trazer — em pleno século 21 — o coração de D. Pedro I para comemorar o bicentenário da independência brasileira é uma esquisitice danada. Para dizer o mínimo.

A igreja Católica Romana guarda pedaços do corpo de homens considerados santos, restos mortais que deveriam estar debaixo da terra preservados e adorados, oficialmente, desde 1545, e carregam a fama de intercessão poderosa pelos fiéis. Até aí, tudo certo. Dogmas não são criados para discussão e não se deve entrar no terreno da fé — ao contrário, deve-se respeitar.

Mas D. Pedro I não era santo. Muito ao contrário, aliás, segundo os relatos maldosos da corte, embora, compositor de algum talento, tenha criado peças sacras que não fazem feio.

O monarca era também um sujeito popular, que gostava de conversar com o povo e tinha seus pecaúchos. Não era de tocar em álcool, mas passou à história como um mulherengo incorrigível, com casos notórios, como a dançarina francesa Noémi Thierry, que chegou a ser desterrada por D. João VI, para não afetar o casamento arranjado com a arquiduquesa (futura princesa) Leopoldina.



Bonitão, D. Pedro era um sujeito de grandes arrebatamentos. Físicas ou mentais. “Meu esposo, Deus nos ajude, ama as novas ideias”, disse a princesa, impressionada com a defesa que ele fazia de uma monarquia constitucional representativa.

Mas nem essas paixões justificam o embalsamento de um coração; muito menos fazer um pedaço da múmia ser levado de um lado a outro. Até porque o resto do corpo do monarca fica no Brasil, mais exatamente em uma cripta do Museu da Independência, em São Paulo, descansando em paz, como deve ser.

Corações embalsamados podem contar histórias, como no caso da princesa egípcia Ahmose, que viveu há 3.500 anos, e morreu aos 40 anos, com placas de gordura no órgão, mesmo sem ela ter comido margarina ou fumado. Mas o coração de D. Pedro I não foi pesquisado.

Certamente o Brasil, onde chegou com nove

anos de idade, ocupava um lugar especial no coração imperial. Não no que Noel Rosa cantou como “grande órgão propulsor/transformador do sangue venoso em arterial”; talvez no “cofre da paixão”, citado na mesma música, *Coração (Samba Anatômico)*.

O coração real foi recebido com honras de Estado, como se D. Pedro I estivesse vivo, inclusive sendo escoltado por cavaleiros do regimento dos Dragões da Independência e passando a tropa em revista. É uma exibição pública de necrolatria, esquisitíssima.

Sinceramente não consigo imaginar um bom motivo para alguém botar uma roupa, sair de casa e ver um pedaço de músculo de mais de 190 anos que vai ficar numa salinha escura do Palácio do Itamaraty. Ao contrário das relíquias católicas, como a de padre Pio, não dá nem para pedir uma graça.